

# **Das mortes nas estações (2018) (Quatro canções para mezzo-soprano e piano)**

*Dierson Torres<sup>1</sup>*

*Universidade Federal de Pernambuco  
dierson.torres@gmail.com*

*Marília Santos<sup>2</sup>*

*Universidade Federal da Paraíba  
marilia\_05030@hotmail.com*

*Submetido em 04/07/2020*

*Aprovado em 17/09/2020*

*Das mortes nas estações* (2018) é um ciclo de quatro canções escritas por Marília Santos (1987-) – poemas – e Dierson Torres (1953-) – música. Estão baseadas no *Vier letzte lied (Quatros últimas canções)* (1948), do compositor Richard Strauss (1964-1949). Esse ciclo é um dos mais famosos de Strauss. No entanto, ele não chegou a ver sua estreia, que aconteceu em 1950, após seu falecimento.

Assim como as *Quatros últimas canções*, escritas para soprano, *Das mortes nas estações* também é composta para voz “feminina”, mas para mezzo-soprano. Ao escrever os poemas, criei relações diretas, escolhas de palavras, com os poemas de Joseph von Eichendorff (1788-1857) e Hermann Hesse (1877-1962), utilizados por Strauss para suas canções. Ao mesmo tempo, procurei colocar elementos que remetem ao agreste pernambucano visto e vivido por mim durante minha vida, sobretudo infância e adolescência, como “bromélias e açucenas” – sempre nos vasos das casas das minhas avós, assim como no meio do mato –, “cor-de-fruta-de-facheiro”, “caatinga”, “chão rachado”, “açudes que secaram”, “capuchos de algodoeiros”, “flores do mulungu” – ah..., com as quais eu tanto brinquei quando era criança –, descrevendo a imagem da natureza de um Nordeste que não aparece no que está estereotipado nacionalmente, mas que existe, em todas suas formas e cores. Essa descrição está um pouco baseada na escrita de Virginia Woolf. Eichendorff, Hesse (na poesia) e Woolf (no romance) descrevem detalhadamente a natureza, o mesmo que busco fazer. – Marília Santos.

Da mesma forma, Dierson Torres busca nas *Quatro últimas canções* relações para compor a melodia, a harmonia, o movimento das vozes, toda a textura musical, utilizan-

1 **Dierson Torres**, natural de Recife, é bacharel em Regência pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com o título acadêmico *Magna cum Laude*. Na Escola de Música da UFRJ estudou Composição com o maestro Henrique Morelenbaum. Como regente, trabalhou com diversos coros e orquestras, atuando nas montagens das óperas: *Fosca*, *Romeu e Julieta*, *La Gioconda*, entre outras. De volta ao Recife, fundou e dirigiu o coral da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (Facho), compondo para os 10 anos dessa entidade a Missa *Cantabo Domino*. Durante vários anos lecionou no Conservatório Pernambucano de Música, onde criou o Coro de Câmara e Conjunto de Música Antiga. Atuou também, como regente convidado, na Orquestra Sinfônica do Recife. Como compositor escreve principalmente para conjuntos vocais e instrumentais. Dentre as suas obras, podemos destacar a canção *La Colmeña*, escrita como trilha sonora do curta-metragem *Me faz voar*, de Marcone Simões. Na música instrumental, a *Pequena suíte brasileira para Orquestra de Cordas e Percussão e Toada e Desafio sobre um Tema de Capiba. Três parábolas*, para coro, solistas, piano, sopro e percussão. *Lá estarei eu*, para canto e piano, e com poesia do próprio compositor. Sonatina, em três movimentos, e *Meditação nº 2*, ambas para violino e piano. Uma parábola das áreas de bravura das óperas italianas, em formato de Ária da Capo, com o título: *Canzone Senza Parole*, também para violino e piano. Além disso, compôs uma *Chacone*, para cravo solo, dedicada à professora Maria Aínda Barroso, e um ciclo de quatro canções, *Das mortes nas estações*, para voz e piano, com texto de Marília Santos, dedicado à cantora Virgínia Cavalcanti. Realizou também os arranjos vocais para a montagem do Auto de Natal – *O nascimento de Jesus*, da Fundação Nova Jerusalém. Em 2003 a Orquestra Sinfônica do Recife executou sua obra para grande orquestra *Abertura de Concerto*. Sua grande última grande obra é *Um réquiem nordestino*, em homenagem a Ariano Suassuna, para solistas, coro e orquestra. Atualmente é professor do Departamento de Música da UFPE, onde leciona as disciplinas de Estética e Estruturação Musical e Fundamentos da Construção Musical.

2 **Marília Santos** é mestra em Música/Etnomusicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), graduada em Música pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – com láurea acadêmica – e em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru (Fafica). Iniciou suas atividades musicais em uma ONG, em São Caitano (“da Raposa”), agreste de Pernambuco. Na UFPE atuou na pesquisa sob orientação da professora Dr.ª Cristiane Galdino, sendo premiada. No mestrado, sob a orientação do professor Dr. Carlos Sandroni, desenvolveu uma pesquisa sobre os “Ecos Armoriais” na música. Integrou a equipe multidisciplinar de pesquisa do “Inventário do Ofício dos Artesãos e Artesãs do Barro do Alto do Moura – Caruaru/PE”, exercendo a função de pesquisadora/etnomusicóloga, sendo responsável por registrar expressões como mazurca, pífano, reisado, sanfona, poetas(isas), cantadores, bacamarte, emboladores, repentistas, compositores(as). Desenvolve trabalhos sobre gêneros/corpos/mulheres/feminismos, na pesquisa, em oficinas, em poesias. Durante a Graduação em Música, foi monitora, sob orientação do professor Dierson Torres, de Fundamentos da Construção Musical (harmonia). Na mesma instituição teve aulas de composição com o professor Dr. Paulo Lima. Na performance atuou como clarinetista na Banda Sinfônica do Conservatório Pernambucano de Música, no grupo Bellas Marias, na Camerata da UFPE e em alguns grupos de câmara. Como corista chegou a participar da *Grande Missa Nordestina*, de Clóvis Pereira, da *Nona Sinfonia*, de Beethoven, junto com a Orquestra Sinfônica do Recife, e da estreia mundial de *Um réquiem nordestino*, de Dierson Torres. Atuou como regente no coro da Faculdade Frassinetti do Recife (Fafire), sendo cocriadora do mesmo. Atualmente é estudante de violoncelo.

do harmonias cromáticas, quintas aumentadas, dissonâncias, “desenhos musicais” que, além de manterem uma coerência com os textos utilizados, criam uma relação com o ciclo de canções de Richard Strauss e com a sutileza de falar sobre a morte, sobre o fim dos ciclos, através de sons que penetram como sentimentos ditos sem palavras, complementando estas, que, vestidas de poesia, transcendem escritora e compositor.

Ouvi as *Quatro últimas canções*, de Richard Strauss, pela primeira vez em 15 de maio de 1981, em um concerto da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal, sob a regência de Henrique Morelenbaum. Ou seja, 31 anos depois da sua estreia, que ocorreu em 22 de maio de 1950. Foi amor à primeira audição e, desde sempre, tive a intenção de escrever algo paralelo a essas canções. A atração por elas é tamanha que eu sempre disse aos mais próximos que gostaria de “ouvi-las” no meu velório. Para mim, essas últimas canções são um verdadeiro réquiem. Não o réquiem da liturgia cristã, mas partindo do *Ein deutsches requiem (Um réquiem alemão)*, de Brahms, e indo até mais além deste. Nelas o tema da morte é transfigurado e dito em forma de despedida, do cansaço da vida. A dor e o luto torturante jamais são sentidos claramente. Trinta e sete anos depois, em 2018, escrevi as minhas *Quatro canções*, com poesias de Marília Santos, que sabia da minha admiração pela obra de Richard Strauss. – Dierson Torres.

No segundo semestre de 2017, em outubro ou novembro, fui ao Departamento de Música da Universidade Federal de Pernambuco – onde qual cursei a Graduação em Música – para resolver alguns assuntos. Bati à porta da sala de Estética e Estruturação Musical e Fundamentos da Construção Musical, do professor Dierson Torres, para dar um “Oi” para ele. Este, que estava dando aula no momento, convidou-me para entrar e apreciar as *Quatro últimas canções*, de Richard Strauss, que ele colocaria para tocar naquele momento para que as(os) alunas(os) analisassem. Eu entrei, ouvi e fui embora. Mas, naquele dia, as canções não saíram da minha cabeça. Quando cheguei em casa, fui ouvi-las e ler sobre as mesmas. Também pesquisei sobre seus poemas, suas traduções para a Língua Portuguesa. Naquela semana fui envolvida por um sentimento que somente a poesia é capaz de explicar. E, ouvindo as canções incansavelmente, inspirada pelas suas palavras, por seus acordes, melodias, e pelo momento de finais de ciclos que vivia, fui escrevendo poemas que intitularia *Das mortes nas estações*. Na época eu já sabia do quanto o professor Dierson admirava a obra de Richard Strauss, mas, até o momento em que decidimos publicar as partituras, eu não conhecia essa relação dele tão íntima, tão próxima, tão profunda com as *Quatro últimas canções*, como ele colocou. Enviei os poemas para ele e o mesmo disse que os musicaria. Mas eu não acreditei. – Marília Santos.

A primeira canção, *Setembro*, que é o título da segunda canção de Richard Strauss – *September* –, segue em paralelo ao texto da primeira canção, *Frühling (Primavera)*. Nesta canção, aproveitei a relação de mediante cromática exposta na introdução da canção de Strauss. Faço uso das harmonias cromáticas, da tonalidade suspensa e dos acordes de quinta aumentada. – Dierson Torres.

*Setembro* foi a segunda poesia a ser escrita, embora seja a primeira do ciclo. Como fiz um paralelo com *Frühling*, a chamei também de *Primavera*, intitulando, no momento, a outra poesia já escrita – que se tornaria a segunda canção –, *Verão*. Na criação de

*Setembro*, além de buscar elementos da poesia de Hermann Hesse – escritor e pintor alemão –, eu tento passar as sensações que sinto quando lembro das imagens de primavera que vivenciei. – Marília Santos.

A segunda canção, *Dezembro*, segue os mesmos procedimentos “musicais”, harmônicos da canção anterior, porém com um teor dissonante mais intenso. Ela foi a primeira a ser composta, surgindo a partir de um improviso que fiz em sala de aula, quando estava trabalhando harmonia com as(os) alunas(os). Digno de nota é o uso do tema final de Strauss na sua segunda canção, *September*. Embora ele esteja sutilmente modificado em *Dezembro*. – Dierson Torres.

Coincidentemente, *Dezembro* também foi o primeiro poema a ser escrito. E esse detalhe nunca foi comentado com Dierson. Ao tentar buscar uma imagem do Nordeste do Brasil, as primeiras imagens que vieram foram as da seca, comumente relacionada com essa região do país. Então pensei em descrever essa seca, dolorida, com um sol que sei como arde na pele, que rasca, que desanima, que muitas vezes mata. Relacionar a morte com isto não foi difícil. Esse poema também tem uma relação bastante intrínseca com o primeiro das *Quatro últimas canções*. E o compositor conseguiu perceber o “peso”, a “tristeza maior” desses versos em relação aos dos outros três poemas, trazendo isso para a música. – Marília Santos.

Na terceira canção, *Março*, a poesia lembra a utilizada por Richard Strauss na última canção do seu ciclo, *Im abendrot (Na vermelhidão do poente ou Pôr do sol)*, onde fala em “andar de mãos dadas” e “um país silencioso”. Em *Março*, a letra diz: “Numa estação silenciosa / Caminhamos de mãos dadas”. Utilizei a imagem do “caminhar de mãos dadas” em uma figura lenta e descendente em semínimas, que recorda a introdução de *Orpheus*, de Ígor Stravinsky (1882-1971). No *intermezzo* da canção, volto a utilizar o tema que usei na coda da canção anterior, mantendo uma relação entre elas, para que sonoramente se tornem, de fato, um ciclo, e não a mera junção de quatro canções. – Dierson Torres.

*Março* foi a última poesia que escrevi. De certa forma, me faz lembrar da minha irmã, porque é o mês no qual ela nasceu. Mas não foi dedicada a ela. A poesia está bastante baseada na de Joseph von Eichendorff (1788-1857) – um dos escritores mais importantes do Romantismo alemão –, utilizada por Strauss na última canção do seu ciclo.

Considero a mais “leve” das quatro. Essa “leveza”, inclusive, foi mantida na música, apesar das semínimas descendentes, que podem ser interpretadas como uma certa “tristeza”. A aceitação do fim do(s) ciclo(s), que é o que tento passar, é o que tira o “peso” da poesia/música. A palavra “estação”, já no primeiro verso, é um dos meios de manter a unidade de relação das quatro estações do ano presentes nas poesias. Porém essa palavra dá margem para várias interpretações. Possivelmente esta, junto com *Agosto*, é a que traz mais traços das experiências felizes que vivi, as imagens dos pés de algodão, as serras em que moravam minhas avós, avôs, tias, tios, onde minha mãe nasceu e meu pai cresceu, onde eu brincava com minha irmã e meu irmão por entre as palmas e os pés de manga e de caju. O entardecer do céu, o qual eu admirava – na cidade – todos os dias após chegar da escola. Um céu que se fazia rosa, alaranjado, azul, brilhante, de tantas cores. E a flor de maracujá... – Marília Santos.

Desde muito pequena sempre admirei a beleza dessa flor. Suas cores, formato. Eu me pendurava nas cercas, nas árvores, nos lugares onde o pé de maracujá ficava trepado, para olhá-la e sentir seu perfume tão singular. Na época em que escrevi os poemas, o pé de maracujá que eu havia plantado no jardim da minha casa estava repleto de flores. Ao escrever, eu quis passar o que sentia todas as tardes quando abria a porta e o vento trazia, já de longe, o aroma de todas aquelas flores, que são uma mistura de branco, roxo, amarelo, verde, lilás. O cheiro delas me tocava, me penetrava, através do movimento gracioso, às vezes forte, às vezes leve, do ar, do vento. Definitivamente é a flor mais bela que existe e não se perde em si mesma, na sua beleza, mas torna-se “bela” em sua continuidade, ao transformar-se num maracujá: fruto, comestível, vida que dá vida. Se eu tivesse um único desejo poético – mas real –, seria que todas as pessoas, pelo menos uma vez na vida, pudessem sentir o cheiro da flor de maracujá. – Marília Santos.

Na quarta canção, *Agosto*, Marília faz um bom paralelo com a poesia utilizada na segunda canção por Strauss. A composição nasceu de um esboço para uma outra canção, baseada em uma poesia de Hermann Hesse, que não levei adiante. Volto a utilizar o tema usado nas três canções anteriores, mas agora mais explícito a partir do compasso 34. – Dierson Torres.

Antes de escrever *Agosto*, dei o nome de *Junho*, seguindo a ordem dos meses em que as estações têm início no Hemisfério Sul: Primavera (setembro), Verão (dezembro), Outono (março), Inverno (junho). Mas, ao começar a “rabiscar” os primeiros versos, percebi que não fazia sentido chamá-la assim. Deveria ser *Setembro*, o mês em que o inverno “começa a se preparar para fechar seus olhos” e quando “o calor da primavera já sorri”. Um ciclo que se abre e se fecha no “mesmo lugar”, mas que já é outro. *Setembro* é o mesmo do início dos poemas, no entanto já é outro. Todavia resolvi chamar o poema que fecha o ciclo de *Agosto*, por uma questão de diferenciação. Não o nomear *Setembro* deixa, de certa forma, uma abertura nesse ciclo que se fecha. Não é o fim, é apenas uma breve finalização de algo que deve continuar se transformando. – Marília Santos.

Essa foi a última canção, das quatro, que Dierson me enviou. Lembro-me de uma primeira versão dela, que depois ele modificou. Mas já era tão bela quanto a atual. Os compassos 24 e 25 dizem: “Docemente arrepiam-se as montanhas”. Em seguida o piano faz um movimento, na mão esquerda, de subida e descida (para lá e para cá) que, na partitura, cria o desenho de várias montanhas. Uma verdadeira cordilheira. Dierson literalmente desenhrou em sons o que eu disse em palavras. Naquele momento, sem saber, eu me apaixonei por *Agosto*. Eu nem percebi. Embora partitura não seja música em si, ela é, em muitas situações, muito importante para o registro, a difusão e continuidade da música e fundamental para nos ajudar a ver coisas que às vezes os ouvidos não estão atentos. – Marília Santos.

Quando me sentei para escrever as quatro poesias, não estava, necessariamente, pensando na morte, abordada pelos textos de Hesse e Eichendorff. Eu simplesmente me deixei levar pelos versos e fui guiada pela música. Tive o cuidado de escolher bem as frases, de modo que criassem as cores, os cheiros, os sabores, as sensações que eu sentia com cada natureza desenhada nelas. Porém, já desde a primeira, *Dezembro*, percebi que se tratava do fim de um ciclo, a própria vida, o próprio ser, que já não aguenta mais,

que já chegou ao fim dessa jornada. A segunda que escrevi, *Setembro*, fala, talvez, de um amor que se foi e que não voltará mais. Pensei que as outras duas também deveriam tratar de finalizações. Então eu quis falar do final de uma estação do ano mesmo. E assim, como Hesse faz em *September*, que fala do fim do verão no Hemisfério Norte, o que normalmente para os povos de lá é sinônimo de vida, eu falo do inverno, que acaba aqui no mesmo período, também *Setembro/Agosto*, que, para quem vive a seca do Nordeste do Brasil, é o nosso sinônimo de alegria, de renascimento. Mas eu trato a finalização do ciclo da estação de uma maneira mais leve do que Hesse faz no seu poema. Por fim, em *Março*, pensei na finalização de uma forma mais geral, por isso eu digo: “Aproxima-se a hora de dormir”, como um acalanto. Finalizações, ao contrário do que a sociedade nos faz acreditar, não são coisas ruins. Tudo vive em movimento. – Marília Santos.

Quando terminei de escrever os quatro poemas, decidi que eles precisavam de um título para finalizar a unidade de um ciclo. Relendo-os várias vezes, decidi nomeá-los: *Da morte nas estações*, pensando na mensagem de finalização de cada um. E recordei-me que um texto poético está aberto a várias interpretações e que, depois de pronto, ele já não pertence mais, como arte, a quem o escreveu. Ele, como toda e qualquer obra de arte, liberta-se! Sendo assim, não se trata apenas de uma morte, mas de várias. Vários fins e muitas oportunidades para novos recomeços. – Marília Santos.

Ainda que os poemas de *Das mortes nas estações* tenham sido baseados nos utilizados para a composição das *Quatro últimas canções*, essa relação de escolha de palavras, versos, não acontece de forma “paralela”. Ao observar cada um dos poemas das canções aqui presentes, pode-se notar elementos de um ou mais poemas de Hesse e Eichendorff. As relações são cruzadas.

Quando Dierson me enviou a primeira partitura, quase finalizada, disse que gostaria de dedicar a música para alguém. Ao ver que era para mezzo-soprano, a primeira voz que soou na minha cabeça, enquanto solfejava mentalmente aquela “pintura”, realizada pelas figuras musicais, foi a de Virgínia Cavalcanti – atualmente professora de canto da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Eu disse a Dierson que por mim era tranquilo que ele dedicasse para alguém – embora ele não precisasse da minha permissão para isso. E ele me contou que gostaria de dedicar para Virgínia Cavalcanti. Enviou para ela *Dezembro*, que, segundo ele, ela adorou e ainda fez umas sugestões sobre a voz. Depois disso ele compôs as outras três. – Marília Santos.

Logo após serem compostas, *Das mortes nas estações* seriam estreadas, no primeiro semestre de 2018, pela própria Virgínia Cavalcanti, no Departamento de Música da UFPE, no “Concerto dos Professores”. Na época ela ainda não fazia parte do quadro de docentes do departamento. No entanto, representaria o professor Dierson, que, além de professor e regente, é também compositor. Contudo, por motivos de força maior – talvez o destino –, as canções acabaram não sendo estreadas.

Embora o ciclo de poemas tenha sido composto separadamente das canções – e sem intenção de se tornar música –, existe uma conexão clara entre letra e “música” – entre aspas, porque, numa canção, tudo é música, inclusive a letra – que poderia ser dito que foram compostas por uma única pessoa. Inclusive a relação que existe entre elas e as de Strauss é individual. Nunca conversamos durante o processo de criação das

poesias e das canções. Eu [Marília Santos] escrevi minhas poesias no meu momento, sozinha, durante uma noite, num período de duas, três horas, aproximadamente. E eu [Dierson Torres] criei as minhas canções, também na minha solidão, num período de duas semanas.

Nesse sentido, chamamos a atenção para os processos criativos, que podem aparecer de várias formas e, quando estão acontecendo, muitas vezes não são compreendidos, pois as análises acontecem após os processos. Também gostaríamos de destacar o quanto a emoção, a relação com as canções, foi importante, tanto para a criação individual – poema e música – quanto para a conexão, como um elo que liga todas as partes. O único ponto de discordância entre a poetisa e o compositor é no compasso 20 de *Março*, em que Dierson colocou um trinado na segunda nota, um Fá (mínima), em que finaliza a frase: “Rolinhas, pardais, galos de campinas e beija-flores”. Para Dierson, o trinado representa o canto dos pássaros, enquanto, para Marília, a nota deveria ser “lisa”, sem trinado, para a(o) ouvinte imaginar os passarinhos pairando, suspensos no ar, principalmente o beija-flor, que é o último a ser citado. O trinado, para Dierson, é um lembrete das andorinhas que Strauss coloca no fim da última canção.

Para uma análise mais aprofundada, faz-se necessário um estudo das poesias usadas por Richard Strauss relacionando-as com as escritas por Marília. Note que o próprio título do conjunto de canções, *Das mortes nas estações*, recorda claramente a ideia principal da obra de Strauss, que fala de modo transfigurado da morte. – Dierson Torres.

Escritas setenta anos após as *Quatro últimas canções*, resolvemos publicar *Das mortes nas estações* num periódico para poder difundi-las, para que possam chegar até outras pessoas e, quem sabe, ser estreadas ainda neste ano, também setenta anos após a estreia das canções de Richard Strauss.

*DIERSON TORRES E MARÍLIA SANTOS*

*DAS MORTES NAS  
ESTAÇÕES*

*(QUATRO CANÇÕES PARA MEZZO-  
SOPRANO E PIANO)*

*PARA VIRGÍNIA CAVALCANTI*

Score

# Das Mortes nas Estações

Duração: 2:02

Nº 1 - Setembro

Dierson Torres

Adagio ♩ - 66

(Para Virgínia Cavalcanti)

Poesia: Marília Santos  
*mp*

Mezzo-Soprano

Piano

Mezzo

Pno.

Mezzo

Pno.

E na

lu - mi - no - si - da - de do al - vo - re - cer en - xer - guei teu ros - to dou - ra - do en - tre os

ra - ios com tu - as ves - tes bran - cas, cer - ca - da de flo - res tra -

© 2018, Dierson Torres

2 Das Mortes nas Estações

Mezzo 10

zi - das pe - los bi - cos dos le - ves pás - sa - ros.

Pno. 10

Mezzo 13

*pp* *cresc.*

en - tre bro - mê - lias e a - çu - ce - nas teu per -

Pno. 13

*pp* *cresc.*

Mezzo 16

*pp*

fu - me pai - ra - va. Eo teu sor - ri - so re - lu - zen - te con - tor -

Pno. 16

*pp*

The image shows a musical score for a mezzo-soprano and piano. It consists of three systems of music. Each system has a vocal line (Mezzo) and a piano accompaniment (Pno.). The piano part features a consistent rhythmic pattern of eighth-note triplets in the bass clef. The vocal lines are in a treble clef with a key signature of one flat. The lyrics are in Portuguese. The score includes dynamic markings such as *pp* (pianissimo) and *cresc.* (crescendo), and articulation marks like slurs and accents. Measure numbers 10, 13, and 16 are indicated at the start of each system.

Das Morte nas Estações

3

Mezzo *mp*

na - do pe - los teus lâ - bios cor - de - fru - ta - de - fa - chei - ro gui -

Pno.

Mezzo

a - va - me por en - trea caa - tin - ga ver - de.

Pno.

Mezzo *rit.* *a tempo*

Eu se - guin - do a mi - ra - gem que en - xer -

Pno. *p*

4 Das Mortes nas Estações

26

Mezzo

ga - va, na rel - va pro - cu - ra - vao cor - po pe - lo

Pno.

26

rit

Mezzo

chão a - bra - ca - do.

Pno.

The image shows a page of a musical score for the piece 'Das Mortes nas Estações'. It features two systems of music, each for a Mezzo-soprano and a Piano. The first system starts at measure 26. The Mezzo-soprano part has a treble clef and a key signature of one flat. The lyrics are 'ga - va, na rel - va pro - cu - ra - vao cor - po pe - lo'. The Piano part has a grand staff with treble and bass clefs. The second system starts at measure 29. The Mezzo-soprano part has a treble clef and a key signature of one flat. The lyrics are 'chão a - bra - ca - do.'. The Piano part has a grand staff with treble and bass clefs. There are dynamic markings like 'rit' and 'p' throughout the score.

Score

# Das Morte nas Estações

Duração: 3:30

Nº 2- Dezembro

Dierson Torres

Largo ♩ = 50

(Para Virgínia Cavalcanti)

Poesia: Marília Santos

Mezzo-Soprano

Piano

Mezzo

Pno.

Mezzo

Pno.

5 *rit.* *p* *a tempo*

5

O - lhan-do — pa-rao bri-lho es-tre - la-do do céu

9 *p*

9

A - té mees-que-ço, por um mo-men-to, O quan-toa vi-da

© 2018, Dierson Torres

2 Das Mortes nas Estações - Dezembro

*rit. a tempo*

Mezzo  
12 tem me can-sa-do, o quan-to tem me can - sa-do. Meus

Pno.

Mezzo  
15 pés guar-dam'a mar-ca do chão ma-chá-do, Gra-va-do for-te co-mum len-

Pno.  
*cresc.* *f*

Mezzo  
18 *mf* *rit.* *mp* *pp* *a tempo* *Poco movido*  
col de re-ta-lho No fun-do dos a-çu-des que se - ca - ram

Pno.  
*mf* *mp* *p* *pp* *p* *mp*

Das Morteis nas Estações - Dezembro

3

22 *Largamente*

Mezzo

Pno.

*cresc.* *mf* *f*

25 *a tempo* *p*

Mezzo

Pno.

*mf* *p*

28 *pp*

Mezzo

Pno.

*pp*

Eu que-ro dor - mir um so - no pro - fun-do co'a-fa - go da  
bri-sa le - ve da noi - te Que pas - sa ti - mi - da - men - te pe - lo meu

4 Das Mortes nas Estações - Dezembro

The musical score is divided into three systems, each with a Mezzo-soprano line and a Piano accompaniment line. The first system (measures 31-33) features a mezzo-soprano line starting with a piano (*p*) dynamic, followed by a crescendo (*cresc.*) and ending with a forte (*f*) dynamic. The piano accompaniment also starts with *p*, has a *cresc.* marking, and ends with *mf*. The lyrics are: "ros - to. An - se - iões que ser meus pen - sa - men - tos". The second system (measures 34-37) shows the mezzo-soprano line with dynamics *ff*, *mf*, and *rit. mp*. The piano accompaniment has dynamics *f*, *ff*, *f*, *mf*, and *mp*. The lyrics are: "Lo - go não de - se - io sen - tir mais E na vas - ti - dão li - vre mer - gu -". The third system (measures 38-41) is marked *a tempo* and *rit.*. The mezzo-soprano line is mostly rests. The piano accompaniment starts with *pp*, then *p*, *mp*, *p*, and *pp*. The lyrics are: "Ihar."

Score

# Das Mortes nas Estações

Duração: 3:00

Nº 3 - Março

Dierson Torres

Adagio ♩ = 66

(Para Virginia Cavalcanti)

Poesia: Marília Santos

*rit.*

Mezzo-Soprano

Piano

Mezzo

Pno.

Mezzo

Pno.

© 2018, Dierson Torres

Das Mortes nas Estações - Março

3

The musical score is presented in three systems, each with a Mezzo-soprano vocal line and a Piano accompaniment. The first system (measures 27-31) shows the piano accompaniment with a melodic line in the right hand and a bass line in the left hand. The second system (measures 32-35) includes the vocal line with lyrics: "O céu vai en-tar - de - cen - do... A-pro - xi-ma-se a ho-ra de dor-". The piano accompaniment features a melodic line in the right hand and a bass line in the left hand. The third system (measures 36-39) includes the vocal line with lyrics: "mir. Nos jun - ta-mos a es-sai-men-su-rá-vel so-li - dão, tão pro-". The piano accompaniment features a melodic line in the right hand and a bass line in the left hand. Dynamics include *pp*, *cresc.*, *mp*, and *p*.

4 Das Mortes nas Estações - Março

Mezzo *rit.*

39  
fun - da e cre-pus-cu - lar per-fu - ma - da co-moa flor de ma-ra - cu -

Pno.

43 *a tempo* *rit.*

Mezzo

43  
jä.

Pno.

*pp*

The image shows a musical score for a mezzo-soprano and piano. It is divided into two systems. The first system starts at measure 39 and ends at measure 42. The mezzo-soprano part has lyrics: 'fun - da e cre-pus-cu - lar per-fu - ma - da co-moa flor de ma-ra - cu -'. The piano accompaniment features a melodic line in the right hand and a bass line in the left hand. The second system starts at measure 43 and ends at measure 47. The mezzo-soprano part has the syllable 'jä.'. The piano accompaniment continues with a similar melodic and bass line. The score includes tempo markings 'rit.' and 'a tempo', and a dynamic marking 'pp'.

Score

# Das Mortes nas Estações

Duração: 3:25

Nº 4 Agosto

Dierson Torres

Larghetto ♩ = 63

(Para Virgínia Cavalcanti)

Poesia: Marília Santos

Mezzo-Soprano

Piano

Mezzo

Pno.

Mezzo

Pno.

Pai - ra o lu - to — pe - lo ar...

Pres - tes — es - ta - rão a ca - ir as flo - res do mu - lun - gu Num de - cli -

© 2018, Dierson Torres

2 Das Morte nas Estações - Agosto

14 *p*

Mezzo  
 nar mei-goe bre-ve, A-la-ran-jan-do a rel-va que cres-ce or-va-

Pno.

17 *pp* *mp* *p*

Mezzo  
 lha-da Go-ta-pós go-ta, fo-lhaa-pós fo-lha, ci-clo a-pós ci-clo

Pno.

21 *mp* *mf*

Mezzo  
 Su-a pre-sen-çaé dea-le-gri-a.

Pno.

*mp* *mf* *dim*

The musical score is presented in three systems, each with a Mezzo-soprano line and a Piano accompaniment line. The first system (measures 14-16) features a mezzo-soprano line with lyrics 'nar mei-goe bre-ve, A-la-ran-jan-do a rel-va que cres-ce or-va-' and a piano accompaniment with a dynamic marking of *p*. The second system (measures 17-20) has lyrics 'lha-da Go-ta-pós go-ta, fo-lhaa-pós fo-lha, ci-clo a-pós ci-clo' and piano accompaniment with dynamics *pp*, *mp*, and *p*. The third system (measures 21-24) has lyrics 'Su-a pre-sen-çaé dea-le-gri-a.' and piano accompaniment with dynamics *mp*, *mf*, and *dim*. The piano part includes various musical notations such as triplets, slurs, and dynamic hairpins.

Das Mortes nas Estações - Agosto

The musical score is presented in three systems, each with a Mezzo-soprano line and a Piano accompaniment line. The first system (measures 24-26) features a mezzo-soprano vocal line with the lyrics "Do-ce-men-te sear-re - pi-am as mon-ta-nhas." and a piano accompaniment starting with a mezzo-forte (*mp*) dynamic. The second system (measures 27-28) shows the piano accompaniment with a crescendo (*cresc.*) marking. The third system (measures 29-30) continues the piano accompaniment. The score includes various musical notations such as slurs, ties, and dynamic markings.

4 Das Morte nas Estações - Agosto

Mezzo *mp*

31 O ca-lor da pri-ma - ve-ra já sor -

Pno. *mf* *dim.* *mp* *p*

Mezzo

34 ri.

Pno.

Mezzo *mp* *p*

39 Eo in - ver - no, sur - pre - so, e can - sa - do, Co - mo num

Pno. *mp*

Das Mortes nas Estações - Agosto

5

The musical score is presented in three systems, each with a Mezzo-soprano line and a Piano accompaniment line. The first system (measures 42-44) features the lyrics "so-nho, chei-ran-do à ter-ça mo-lha-da, Pa-ra fe-char seus o-lhos fa-ti-". The piano accompaniment includes triplets and a *pp* dynamic. The second system (measures 45-48) features the lyrics "ga-dos. Co-me-ça se pre-pa-rar." and includes performance directions such as *rit.*, *pp*, and *a tempo*. The piano accompaniment continues with triplets and *pp* dynamics. The third system (measures 49-52) shows the Mezzo-soprano line with whole notes and the piano accompaniment with chords and a *p* dynamic.

## DAS MORTES NAS ESTAÇÕES

Marília

### 1. Setembro

E na luminosidade do alvorecer  
Enxerguei teu rosto dourado entre os raios  
Com tuas vestes brancas, cercada de flores  
Trazidas pelos bicos dos leves pássaros.  
Entre bromélias e açucenas  
Teu perfume pairava.  
O teu sorriso reluzente contornado  
Pelos teus lábios cor-de-fruta-de-facheiro  
Guiava-me por entre a castinga verde.  
Eu seguindo a miragem que enxergava,  
Na relva procurava o corpo  
Pelo chão abraçado.

### 2. Dezembro

Olhando para o brilho estrelado do céu  
Até me esqueço, por um momento,  
O quanto a vida tem me cansado.  
Meus pés guardam a marca do chão rachado,  
Gravado forte como um lençol de retalho  
No fundo dos açudes que secaram.  
Eu quero dormir um sono profundo  
Com o afago da brisa leve da noite  
Que passa timidamente pelo meu rosto.  
Anseio esquecer meus pensamentos,  
Logo não desejo sentir mais nada  
E na vastidão livre mergulhar.

### 3. Março

Numa estação silenciosa  
 Caminhamos de mãos dadas.  
 À nossa volta, altas serras amareladas.  
 Rolinhas, pardais, galos de campinas e beija-flores  
 Elevam-se em direção às nuvens  
 Que, como capuchos de algodoeiros,  
 Amontoam-se entre si.  
 O céu vai entardecendo...  
 Aproxima-se a hora de dormir.  
 Nos juntamos a essa imensurável solidão,  
 Tão profunda e crepuscular,  
 Perfumada como a flor de maracujá.

### 4. Agosto

Paira o luto pelo ar...  
 Prestes estarão a cair as flores do mulungu,  
 Num declinar meigo e breve,  
 Alaranjando a relva que cresce orvalhada.  
 Gota após gota, folha após folha, ciclo após ciclo,  
 Sua presença é de alegria.  
 Docemente se arrepiam as montanhas.  
 O calor da primavera já sorri.  
 E o inverno, surpreso, cansado,  
 Como num sonho, cheirando à terra molhada,  
 Para fechar seus olhos fatigados,  
 Começa a se preparar.